

Arqueologia do saber da produção científica e acadêmica sobre Drag Queens no Brasil

Pedro Henrique Almeida Bezerra¹

Resumo: O texto aborda a produção científica e acadêmica sobre *drag queens* no Brasil, questionando quais são os determinantes dessa produção nos últimos 22 anos (2000 a 2022). A pesquisa teve como objetivo mapear, sistematizar e analisar a quantidade de trabalhos acadêmicos, como artigos, monografias, dissertações e teses sobre o tema, além de estabelecer um panorama da literatura nacional. A metodologia foi qualitativa, utilizando também elementos quantitativos, por meio de pesquisa documental e bibliográfica, com ênfase na arqueologia do saber de Michel Foucault, visando entender como o conhecimento sobre a temática foi moldado e construído. Os resultados indicam um crescimento do interesse pela temática, com um aumento significativo das publicações entre 2017 e 2020. A produção científica se destaca por uma abordagem interdisciplinar, atravessando áreas como comunicação, antropologia, psicologia e sociologia. O estudo classificou os autores em três grupos: os que veem a *drag queen* como uma potência de tensionamento do gênero, aqueles que exploram as subjetividades nas margens do discurso e um terceiro grupo que analisa a *drag* como parte da identidade teatral e cultural. Na conclusão, o autor enfatiza a importância de reconhecer o crescente interesse nos estudos sobre *performance drag*, além de valorizar as contribuições acadêmicas ao longo dos anos. O levantamento realizado serve como referência para pesquisadores na área e reflete a complexidade do universo *drag* no contexto brasileiro.

Palavras-chave: *Drag queens*; Produção acadêmica; Arqueologia do saber; Gênero; *Performance*.

¹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor do Curso de Serviço Social da UECE. E-mail: pedroalmeidaseso@gmail.com

O universo *drag queen* pode ser compreendido como um conjunto de elementos materiais, simbólicos, culturais e sociais objetivados através de relações, locais, experiências, convivências, *performances* que dão cor e corpo à vivência *drag* decodificada em uma espécie de “universo próprio”. Esse, é composto por centenas de nuances: são roupas extravagantes, *high couture*, adereço brilhosos, glitter, maquiagem, *glamour*. Formas específicas de sentir, agir e pensar; disposições corporais e expressões artísticas plurais que compõe o complexo e rico teor *performático* de suas existências.

Parto da compreensão da *drag* como um trânsito, um movimento constante e irrefreável, que potencialmente mobiliza e tensiona as estruturas do gênero binário e normativo. Entendo, também, que existe uma relação particular entre a personalidade do/a interprete e a sua *drag*. Compreendo essa relação como o desdobramento do conceito de persona. Entendo que esse está relacionado à disposição corporal, gestual e linguística encarnada durante a *performance drag*. Essa representação é retroalimentada tanto por elementos artísticos e culturais como por características próprias da personalidade do/a interprete. Dessa forma, sou contrário a afirmação de que a *drag* se trata de um personagem que se diferencia ou separa do ator/atriz, mas sou favorável ao entendimento de que ela mobiliza um trânsito entre a personalidade do interprete e aquilo que deseja encarnar enquanto repertório cultural e artístico. Dessa maneira, a *drag* não se descolaria do seu interprete, mas estaria em constante movimento e diálogo com ele (Bezerra, 2023).

Em última instância, considero que a *drag* tem um expressivo potencial de funcionar como ferramenta ou dispositivo de agência política, crítica e subversiva em determinados contextos. Utilizo o conceito de dispositivo com base no pensamento foucaultiano. Para Foucault (2005) os dispositivos são estruturas complexas e multifacetadas que conectam poder, conhecimento e práticas sociais. As principais facetas do funcionamento de dispositivos são: a) Os sistemas de relações: conjuntos complexos de relações, práticas e instituições que operam em conjunto para regular, controlar ou influenciar aspectos específicos da sociedade (práticas discursivas, leis, instituições, arquitetura e tecnologias); b) Estratégias de poder e conhecimento: moldam a maneira como a sociedade entende e controla certos aspectos da vida, como

sexualidade, criminalidade, loucura, etc.; c) Espaços de emergência de discursos: conjuntos de ideias, regras e conceitos emergem e são codificados para criar conhecimento e exercer poder; d) capaz de moldar a percepção da realidade definindo o que é considerado "normal" ou "desviante" em uma determinada sociedade e período histórico; e) Históricos e contextuais: variam ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais. O mesmo dispositivo pode funcionar de maneira diferente em diferentes momentos e lugares. Com base nessa perspectiva, aqui me refiro a dispositivo por uma perspectiva da citacionalidade e desconstrução (Derrida, 2002), ou seja, as *drags* em questão utilizam os dispositivos e ressignificam para estruturar suas práticas, *performances* e *performatividades* através da subversão dos seus significados e das estruturas de poder.

Durante minha trajetória de formação profissional e acadêmica me debrucei sobre as mais diversas e plurais formas de expressão *drag queen*. Em um primeiro momento estudei as *drags* que utilizam barba como elemento de montagem, posteriormente realizei etnografia sobre o processo de iniciação e configuração do cenário *drag* na minha terra natal e por fim empreendi estudo sobre as *performances* que realizam crítica social através das redes digitais. Durante essa última etapa, minha tese de doutorado, questionei-me: quais são os determinantes da produção acadêmico-científica sobre *drag queens* no Brasil? Qual seu teor? Os autores poderiam ser classificados em correntes de pensamento? Quais programas de pós-graduação e universidades mais produzem sobre o assunto? Quais revistas mais publicam sobre o tema?

Dessa forma, realizei um levantamento sobre essa produção. Meu principal objetivo foi realizar um mapeamento e sistematização com base na quantidade de trabalhos acadêmicos: artigos, monografias, dissertações e teses que tematizaram as *drag queens* nas últimas duas décadas (2000 a 2022). Para além disso, foi possível estabelecer um panorama, um estado da arte, da literatura nacional sobre esse assunto; bem como traçar uma geopolítica de produção de conhecimento sobre as *drags* em território nacional.

Cabe destacar que nacionalmente existe um debate em torno da chamada arte transformista. Para Godoi (2022), o transformismo surge na América Latina inspirado em grandes divas do cinema e caracterizações repletas de paetês, plumas e predarias. As transformistas, em sua maioria travestis e transexuais, emergem ocupando espaços como o teatro e casas noturnas. No Brasil, elas também tornaram-se figuras conhecidas no cinema e na televisão. Para Godoi (2022), o uso do termo transformista configura-se como uma espécie de resistência a uma colonização da arte de montação. É possível que o autor esteja se referindo a interposição de modelos estilizados, moldados, polidos e editados da ideia de *drag queen* como um produto passível de ser vendido e comercializado mundialmente (a exemplo do que faz o *reality show* estadunidense *RuPaul's Drag Race*) (Bezerra, 2018).

Vencato (2002) destaca que houve uma dissonância, no início dos anos 2000, entre o entendimento do transformismo como sinônimo de *performance drag*. Na contemporaneidade, os termos tendem a serem utilizados como sinônimos, porém a contribuição de Godoi (2022) torna-se pertinente ao destacar a necessidade de reconhecer a história da arte, cultura, luta e resistência construída pelas transformistas no Brasil antes da chegada de uma nova tendência de montação estabelecida pelo *RuPaul's Drag Race* (Bezerra, 2018).

Assumindo o caráter contraditório e dinâmico da realidade social, o presente texto adota a terminologia *drag queen* como palavra chave de pesquisa e argumentação, tendo em vista a tendência contemporânea de entender-la como similar ao transformismo, porém reconheço e reitero a centralidade de mecanismos de resistência linguística na preservação da nossa memória e do “jeito brasileiro de fazer montação”.

A metodologia de pesquisa aqui utilizada parte de uma natureza qualitativa, apesar de utilizar elementos quantitativos como gráficos e porcentagens. As principais técnicas de coleta de dados foram: pesquisa documental e bibliográfica. Nos próximos tópicos serão apresentados os resultados da investigação e as principais reflexões provenientes dela.

Por uma arqueologia do saber da produção científica e acadêmica sobre *Drag Queens* no Brasil

A presente abordagem seguiu os princípios metodológicos da *arqueologia do saber* de Michel Foucault (2008): uma perspectiva analítica que busca entender como o conhecimento é moldado, transformado e disseminado através das práticas discursivas. Através desse levantamento, busquei identificar as mudanças, continuidades e as regras subjacentes que têm influenciado as discussões sobre *drag queens* no Brasil ao longo do tempo. Essa sistematização pretendeu lançar luz sobre as diferentes perspectivas, debates e discursos que surgiram na academia brasileira em relação as práticas artísticas, culturais, *performativas* e *performáticas* de *drag queens*.

Realizei uma tabulação da produção acadêmica e científica, disponível na *internet*, sobre as *drag queens*, entre os anos de 2000 e 2022. Foram usados como critérios de inclusão: atualidade (publicações dos últimos 22 anos) e relevância (pelo menos uma citação rastreada e indexada nas ferramentas de busca). Os critérios de exclusão são: não conformidade com o tema de pesquisa; indisponibilidade sistêmica (*links* quebrados, inexistentes ou excluídos); não citar diretamente o termo “*drag queen*” no título do trabalho.

A ferramenta de busca utilizada foi o Google Acadêmico, pois esse é considerado maior ferramenta de busca de produções acadêmicas global. Ele é uma plataforma de pesquisa na *internet* de acesso gratuito que cataloga e apresenta textos completos e metadados da produção acadêmica através de uma ampla gama indexação (Scielo, repositórios institucionais, anais de congressos, bibliotecas de publicações e material produzido por organizações profissionais e acadêmicas, entre outros). Abarca uma vasta coleção que engloba a maioria das revistas e livros digitais revisados por especialistas, artigos de conferências, pré-impressões, teses, dissertações, resumos, relatórios técnicos, bem como outros tipos de documentos acadêmicos, incluindo pareceres judiciais e patentes (segundo *Search Tips: Content Coverage, Google Scholar, Retrieved, 27 April 2016*). Estimativas realizadas por pesquisadores da área da cienciometria indicam que ele abrange aproximadamente 389 milhões de documentos,

consolidando sua posição como o principal mecanismo de pesquisa acadêmica global desde janeiro de 2018, segundo o Gusenbauer (2018).

Na tabulação os artigos foram listados por ordem de aparecimento na plataforma Google Acadêmico. Essa utiliza algoritmo próprio para elencar a importância dos artigos segundo os seguintes critérios: 1) Significado, 2) Relevância, 3) Qualidade, 4) Usabilidade e 5) Contexto. O Google Acadêmico lista apenas os materiais com melhor reputação e de alta qualidade. Além disso, os conteúdos ranqueados pela plataforma são revisados diversas vezes por especialistas das mais variadas áreas, o que garante a excelência das publicações digitais. Ao inserir a palavra-chave “*drag queen*” no buscador da ferramenta, ela retornou 128 mil resultados (qualquer idioma), porém ao restringir a pesquisa às “páginas em Português” foram encontrados 8.420 resultados. O mapeamento e tabulação seguiu até a sequência 7 da pesquisa no Google Acadêmico: página onde não mais haviam artigos com citações listadas.

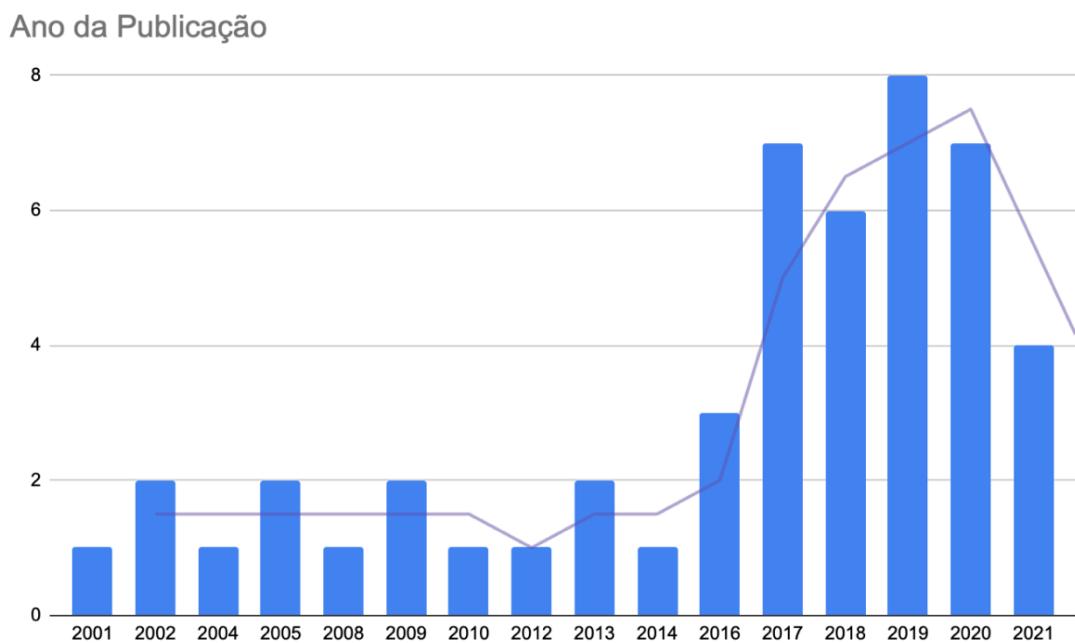
Sobre a situação da produção acadêmica sobre *drag queens* no Brasil nos últimos 22 anos, é possível destacar que: em média são produzidos 2,28 estudos (artigos, monografias, dissertações, teses e livros) sobre *drag queens* no país por ano. O que indica uma produção discreta, porém ainda sim significativa.

É possível que muitos trabalhos acadêmicos, artigos, livros, dissertações e teses não tenham aparecido na pesquisa do Google Acadêmico por motivos diversos como: indisponibilidade da versão digital do texto, falhas nos mecanismos de busca, falhas no processo de indexação e rastreio, dentre outros. O algoritmo de pesquisa e ranqueamento desenvolvido pelo Google, apesar de ser considerado o melhor do mundo, não é isento de falhas. Dessa forma, a sistematização e tabulação realizada não tem pretensão de ser completo, totalizador, totalizante ou sinônimo de um discurso de verdade. O esquema presente neste texto representa uma escolha metodológica, detalhada acima, e constitui um exercício de reflexão alusivo ao acúmulo de conhecimento pregresso sobre a temática (dentro dos seus limites e possibilidades).

Nesse sentido, gostaria de realizar algumas ponderações preliminares sobre o perfil dos dados obtidos apresentando-os na forma de gráficos. Primeiramente gostaria de destacar um aparente crescimento do interesse pela temática de estudo de *drag*

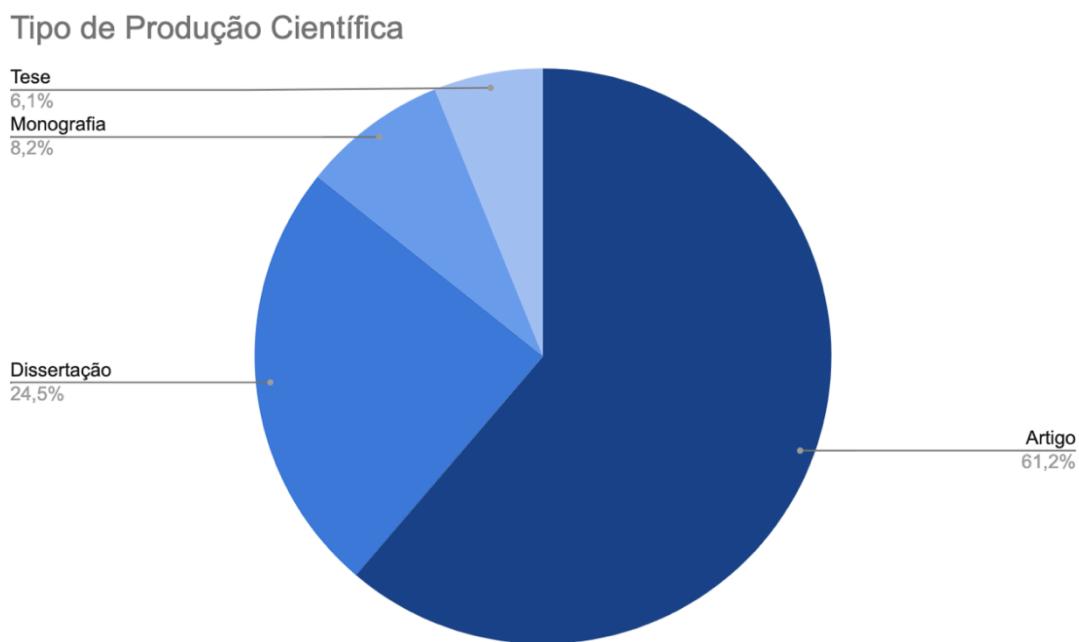
queens como campo de pesquisa. No gráfico a seguir fica evidente uma ascensão de publicações ao longo dos anos, com um pico entre os anos de 2017 e 2020, apresentando um leve declínio em 2021. Tal declínio pode ser associado ao período de isolamento social interponto pela pandemia de *covid-19*, que provavelmente impactou negativamente a produção de conhecimento durante seus maiores picos de infecções e mortes. A maior parte dos trabalhos publicados na área foram indexados como artigos científicos (61,2%), seguidos de dissertações (24,5%), monografias (8,5%) e teses (6,1%).

Gráfico 1 - Ano de Publicação



Fonte: produzido pelo autor.

Gráfico 2 - Tipo de Produção Científica

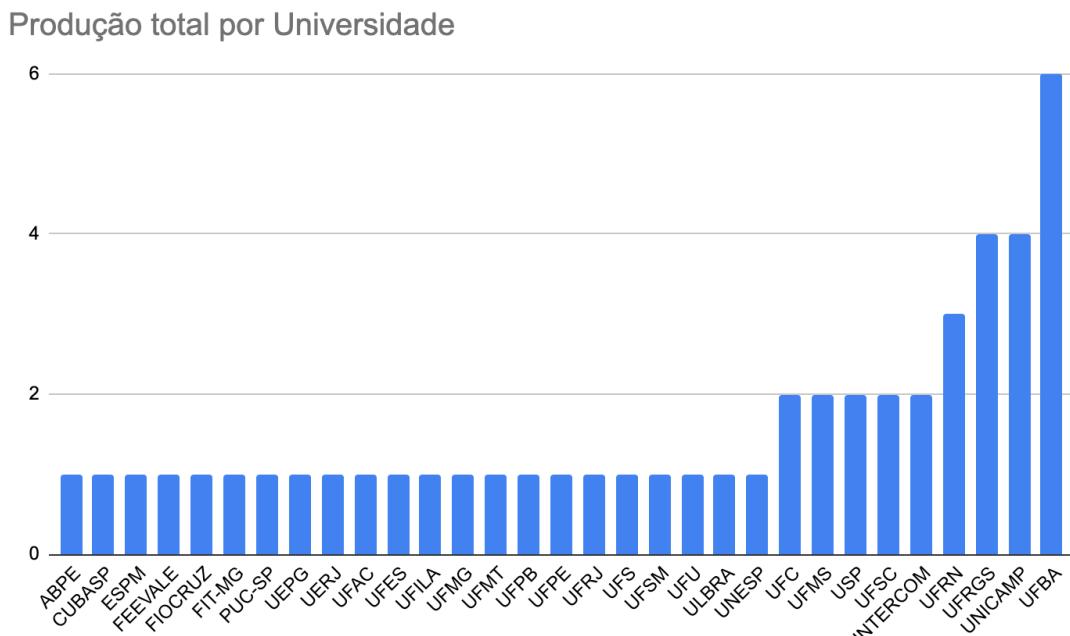


Fonte: produzido pelo autor.

A instituição de ensino que mais se destacou na produção de artigos, monografias, dissertações e teses sobre o assunto foi a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Cabe destacar que esse resultado é proveniente do trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCuS) liderado pelo prof. Dr. Leandro Colling. Em seguida temos a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) que possui o Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU, atualmente coordenado pela prof. Dr.^a Anna Christina Bentes. Com relação a UFRGS temos o GEERGE – Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero, atualmente coordenado pelo Prof. Dr. Fernando Seffner, e tem como integrantes importantes autores da área a exemplo da Prof.^a Dra. Guacira Lopes Louro. A UFRN tem como principal expoente na área o periódico Bagoas (Qualis-CAPES B3) que atualmente tem como editora chefe a prof. Dr.^a Anne Christine Damásio. Vale ressaltar que de todos os

artigos, monografias, dissertações e teses tabulados um montante de 81,6% são provenientes de instituições públicas de ensino e/ou pesquisa.

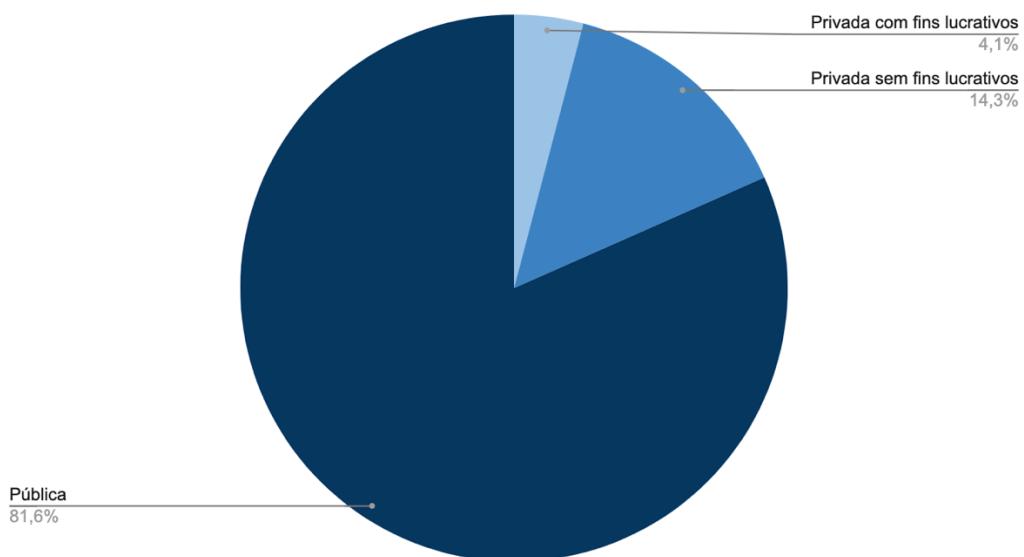
Gráfico 3 - Produção Total por Universidade



Fonte: produzido pelo autor.

Gráfico 4 - Produção Total por tipo de Instituição

Tipo de Instituição

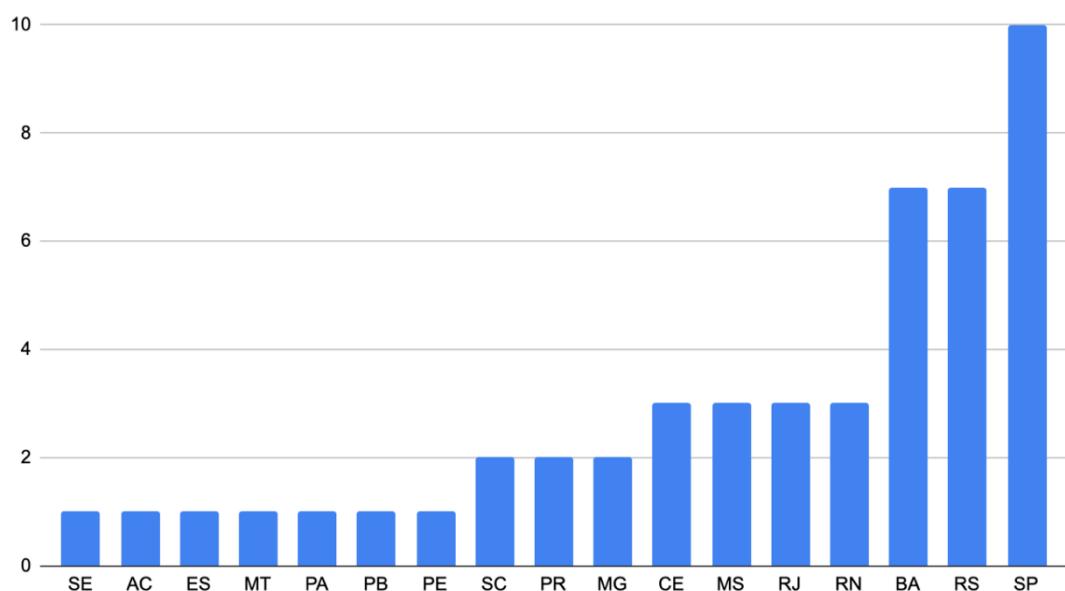


Fonte: produzido pelo autor.

O mapeamento da produção científica sobre o tema pelo território brasileiro revela uma concentração expressiva nas regiões sul e sudeste, tendo como expoentes a UNICAMP, UFRJ, UFMS e a UFRGS, porém não se restringe a essas regiões. Os dados indicam a presença massiva do Nordeste, principalmente representado pela UFBA, em maior grau, e pela UFRN e UFC em menor grau. Com relação às regiões, temos um empate entre nordeste e sudeste, sendo que a região sul ficou pouco atrás delas.

Gráfico 5 - Produção Total por Unidade da Federação

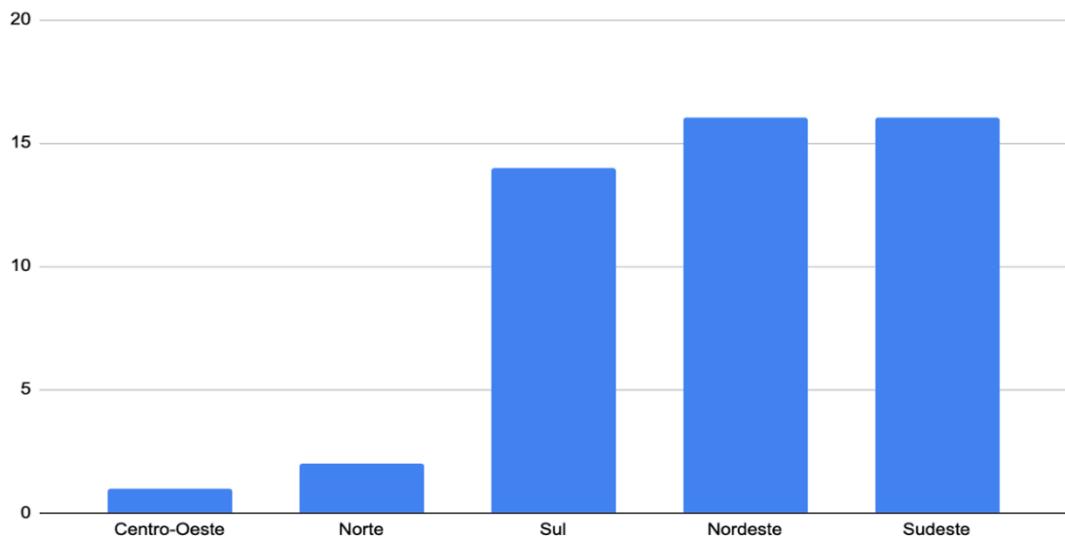
Produção total por Unidade da Federação



Fonte: produzido pelo autor.

Gráfico 6 - Produção Total por Região do Brasil

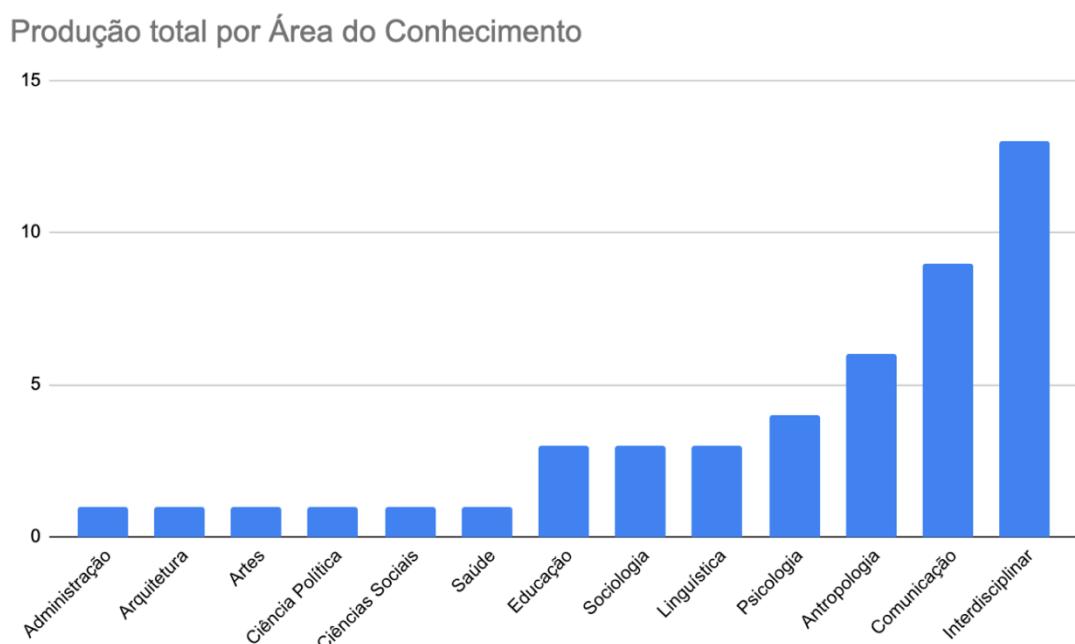
Produção total por Região do Brasil



Fonte: produzido pelo autor.

Com relação à área do conhecimento das produções científicas destaca-se o campo de estudos interdisciplinar. Boa parcela dos periódicos, revistas e eventos na área do gênero e da sexualidade realizam abordagens de cunho interdisciplinar, intercruzando várias áreas do conhecimento e concedendo olhares distintos, complementares ou não, sobre os estudos e análises em foco. Outro campo expressivo na produção de conhecimento sobre o assunto é o da comunicação, seguido pela antropologia e psicologia. A sociologia aparece de forma intermediária, mas ainda à frente de outras áreas como a das artes.

Gráfico 7 - Produção Total por Área do Conhecimento

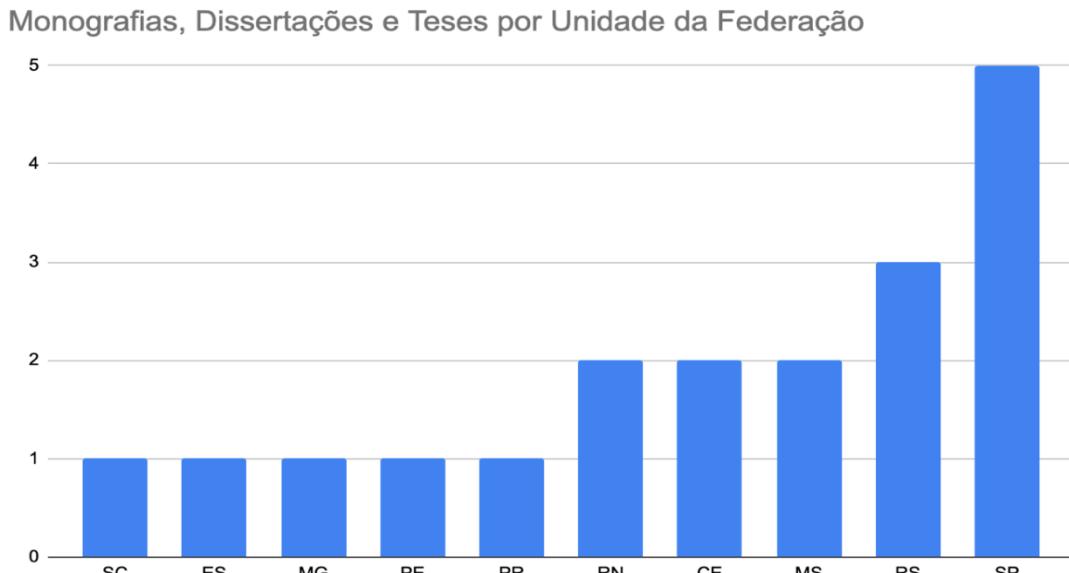


Fonte: produzido pelo autor.

A seguir apresento gráficos sedimentados dos dados totais para mostrar os estudos provenientes de monografias, mestrados e doutorados de um lado, bem como a avaliação da CAPES dos programas aos quais eles pertencem. De outro lado, apresento a produção de artigos publicados em anais de eventos ou revistas/periódicos e suas

subsequentes avaliações de Qualis-CAPES (Quadriênio 2017-2020). Em matéria de produção de monografias, dissertações e teses o estado de São Paulo destaca-se na liderança, seguido do Rio Grande do Sul. A maior parte dos PPG que produziram as dissertações em teses tem avaliação mínima de 3, mas a maioria tem conceito 5. Em contraposição, a produção de artigos científicos é liderada pelo estado da Bahia, em especial pela Revista Periódicus (Qualis-CAPES A3). Com relação ao conceito Qualis das revistas, temos uma produção massiva de revistas A3, seguidas de B2. O fato da maioria dos programas de pós-graduação que produzem dissertações e teses sobre o tema ter nota 5, e as revistas conceito A3, simboliza que a produção de conhecimento na área tem bons indicadores de qualidade com espaço para melhora.

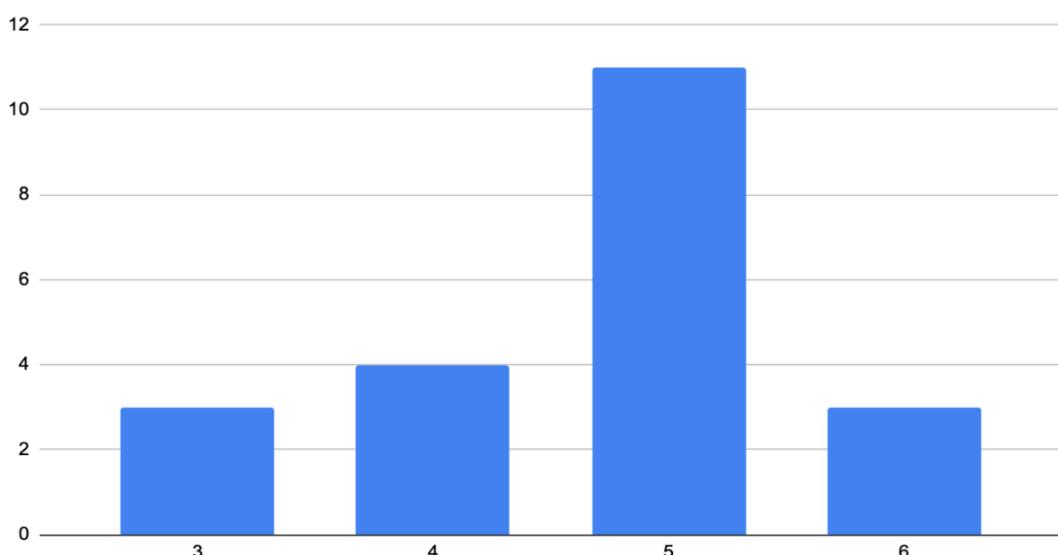
Gráfico 8 - Monografias, Dissertações e Teses por Unidade da Federação



Fonte: produzido pelo autor.

Gráfico 9 - Avaliação da CAPES dos Programas de Pós-Graduação

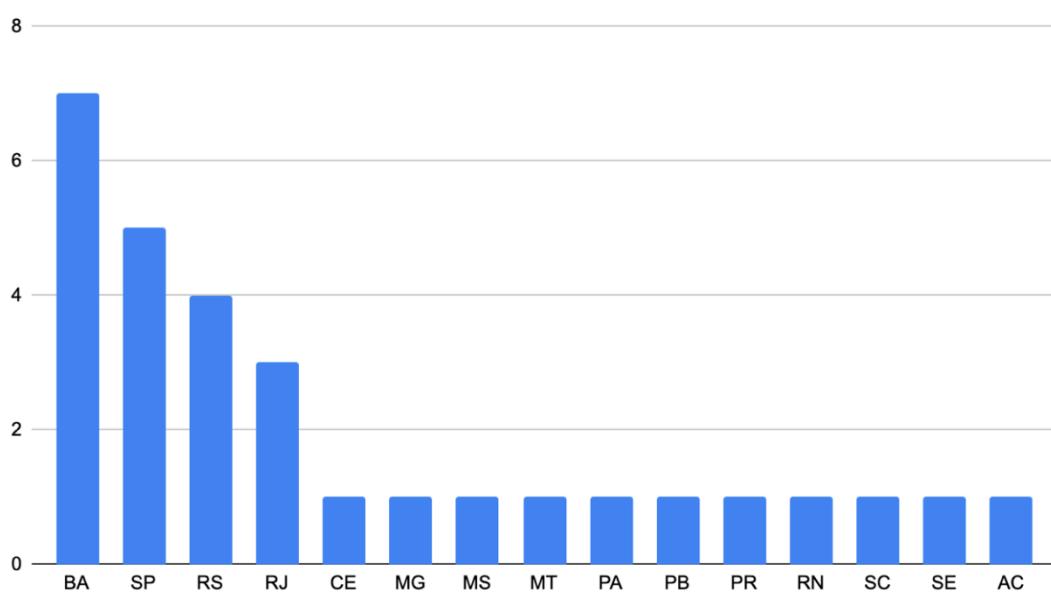
Avaliação CAPES dos Programas de Pós-Graduação



Fonte: produzido pelo autor.

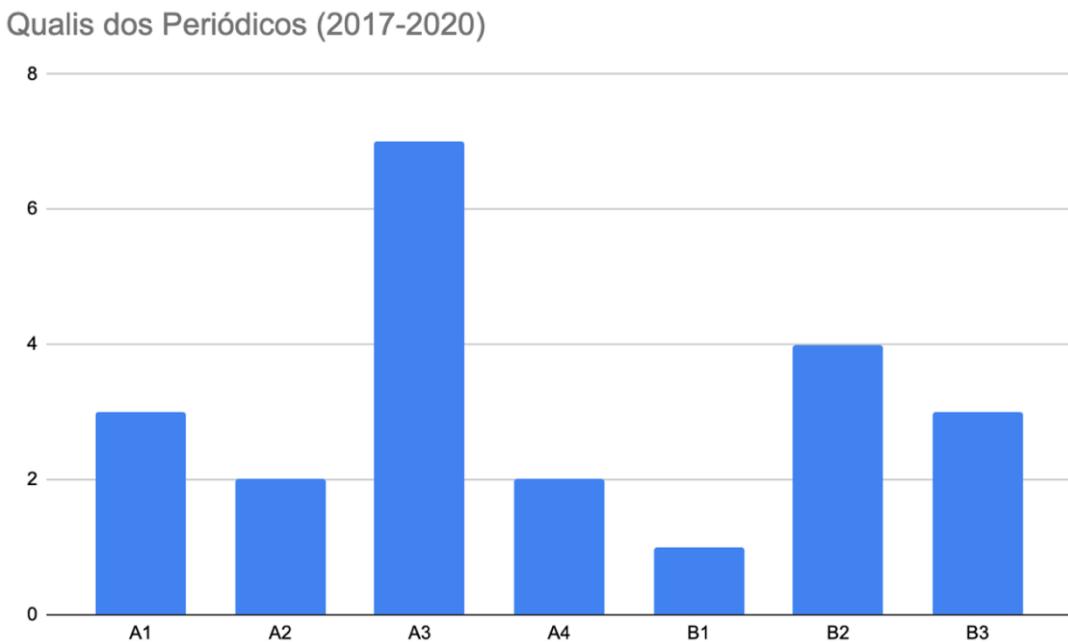
Gráfico 10 - Artigos produzidos por Unidade da Federação

Artigos produzidos por Unidade da Federação



Fonte: produzido pelo autor.

Gráfico 11 - Qualis CAPES dos Periódicos (2017-2020)



Fonte: produzido pelo autor.

É interessante observar, a partir dos dados acima, a delimitação de uma geopolítica da produção de conhecimento sobre *drag queens* no Brasil. Destacamos que as regiões sul e sudeste predominam em termos de produtividade científica e acadêmica sobre a temática. Isso corrobora uma certa sofisticação e avanço no debate sobre o assunto de forma regionalizada e concentrada nessas regiões do país. Essa questão possui diversos estratos, do quais não pretendo entrar no mérito, porém gostaria de sinalizar um certo deslocamento do eixo sul-sudeste tensionado pelo avanço dos debates empreendidos pela UFBA, revelado pela suas consistentes e reiteradas produções ao longo das últimas duas décadas.

Estado da Arte do Debate sobre *Drag Queens* no Brasil

Nos próximos parágrafos apresento uma organização e sistematização das ideias dos autores mapeados através de pesquisa bibliográfica. Realizo uma

classificação com base em três principais grupos e busco refletir quais suas abordagens, intersecções e diferenças. A maioria dos autores apresenta pesquisas social e historicamente situadas e são retratos de um tempo histórico e do avanço do debate acadêmico científico sobre *drag queens* no Brasil.

Mediante a sistematização realizada é possível delinear pelo menos três grupos de autores: 1) aqueles/as que entendem a *drag queen* como uma potência de tensionamento do gênero binário, a saber: Amanajás (2014), Vencato (2002), Neves (2020), Gadelha (2009) e Carstens (2017); 2) autores que entendem a *drag* como uma ferramenta ou dispositivo político: Vanderley, Reis Filho (2017); Moraes, Larrubia, Dalla Vecchia (2018) e Santana (2021); e 3) Autores que consideram que a *drag queen* é uma identidade, personagem ou forma de travestismo artístico: De Oliveira (2019), Jayme (2001; 2002), Santos (2013), Campana (2017), Amanajás (2014) e Vencato (2002). Alguns autores apareceram mais de uma vez em grupos diferentes devido a extensão das suas ideias que comporta mais de uma classificação simultânea.

Os autores do grupo 1 têm como ponto comum o entendimento da *drag* como uma forma de resistência e subversão às normas de gênero. Para eles, a *drag queen* é uma figura que desafia as expectativas e estereótipos sociais em relação ao que significa ser homem ou mulher, e, dessa forma, traz à tona questões importantes sobre a construção social das identidades de gênero. Para Amanajás (2014), a *drag queen* não se relaciona diretamente com os conceitos de identidade de gênero ou orientação sexual, mas configura-se como um deslocamento entre eles. Já Vencato (2002), entende a *drag queen* como uma expressão de resistência ao binarismo de gênero. Ele argumenta que a *drag queen* é uma forma de subversão dos estereótipos de gênero ao apresentar uma masculinidade puramente *performática* e uma feminilidade expressa de forma teatral e exagerada. Neves (2020) defende que a *drag queen* pode atuar como um agente social na produção de conhecimento por meio da utilização da autoetnografia, suscita questionamentos sobre o sujeito do conhecimento e a quem é permitido realizar pesquisa. Para Gadelha (2009), a arte *drag queen* pode ser entendida como uma espécie de ritual em que se busca alcançar uma transformação do corpo do artista em uma representação artística que desafia as normas de identidade e gênero. Carstens (2017)

destaca como as *drags* expõem a farsa dos gêneros como uma atuação cultural, mostrando que não existem verdades essencializantes sobre gênero, além de ser uma *performatividade* culturalmente construída. Para ela, o gênero é um código cultural que se baseia em imitações, tornando evidente a artificialidade de gênero e a construção social do binarismo homem/mulher. Os autores do grupo 1 compartilham a ideia de que a *drag queen* é uma figura significativa por sua capacidade de tensionar o gênero binário, desafiando as normas e expectativas sociais e levantando questões importantes sobre a construção social das identidades de gênero.

O grupo 2 comprehende a *drag* como uma ferramenta ou dispositivo político. Vanderley e Reis Filho (2017) discutem como a arte *drag* pode ser vista como uma ferramenta política que tensiona os limites da normatividade de gênero, ora reproduzindo, ora subvertendo estereótipos. Para os autores, a *drag queen* pode ser vista como uma afronta às normas de gênero heteronormativas, apontando para a fragilidade das mesmas. A *performance drag* seria capaz de mostrar como gênero é uma construção social e que a ideia de uma identidade de gênero fixa só é possível dentro de hábitos, costumes e padrões culturalmente estabelecidos. Por isso, a arte *drag* é compreendida como um dispositivo de subversão, que desestabiliza o que é tido como normal. Moraes, Larrubia e Dalla Vecchia (2018) apresentam uma abordagem semelhante ao discutirem a "dimensão política da arte *drag*". Para os autores, as apresentações *drag* não estão separadas do contexto social, político e cultural em que são produzidas, mas sim inseridas em uma totalidade de disputa de poder. Dessa forma, a *drag queen*, ao se mostrar como uma transgressora dos limites de gênero, pode ser compreendida como uma forma de resistência à opressão heteronormativa e um instrumento político de visibilidade da comunidade LGBTQ+ (sic). Santana (2021) entende a *drag* como uma potência política por meio de seus "efeitos na cultura hegemônica", isto é, por meio das discussões sobre gênero, sexualidade, raça e classe que são evidenciadas pelas *drag queens* em suas *performances*. Essas, por sua vez, teriam a capacidade de gerar "mudanças sociais". A arte *drag* seria capaz de criar espaços *performativos* que possibilitam a manifestação de "outras normatividades" que não se encaixam nas normas hegemônicas, o que pode gerar transformações culturais em direção a uma

maior aceitação e respeito às diferenças. De certa forma, a argumentação apresentada pelo grupo 2 se relaciona com a do grupo 1. Eles convergem no entendimento da *drag* como potência que tenciona as normas do gênero e da sexualidade binários. A sua principal diferença é que o grupo 2 pensa a *drag* instrumentalizada para a mobilização e/ou ativismo políticos.

Os autores do grupo 3 compreendem a *drag queen* como uma forma de expressão que pode contribuir para as discussões sobre gênero e sexualidade na sociedade, mas cada um enfatiza um aspecto diferente dessa forma de expressão: alguns veem a *drag* como uma identidade, outros como uma personagem teatral e outros como uma forma de travestismo artístico. Jayme (2001; 2002) entende a “identidade” *drag* como uma espécie de personagem teatral que utiliza a teatralidade para empreender sua *performance*. Santos (2012) discute como a *performance drag queen* pode representar uma forma de expressão da “identidade” LGBT (sic) e reflete como essa forma de expressão é vista pela sociedade. Campana (2017) vê a *drag queen* como uma forma de travestismo artístico que pode ser utilizada para desconstruir a visão essencialista de gênero. Oliveira (2019), também entende a *drag queen* como uma forma de expressão artística, mas destaca a sua utilização para discutir questões de gênero e sexualidade e possibilitar a criação de novas subjetividades nas margens do discurso sobre a arte popular, e outras formas de pensar a produção dos espaços tradicionais e religiosos. Esse terceiro grupo é o que se afasta mais da discussão dos dois primeiros, tendo em vista que tende a uma análise mais voltada à constituição da *drag* como identidade teatral, cultural ou artística.

Considerações Finais

O presente artigo buscou realizar uma arqueologia do saber sobre *drag queens* no Brasil com o objetivo de realizar uma reconstrução de como o conhecimento sobre *drags* foi moldado, transformado e disseminado através das práticas discursivas, científicas e acadêmicas nos últimos 22 anos. A revisão levou em consideração a evolução das perspectivas, debates e discursos sobre as práticas artísticas, culturais,

performativas e *performáticas* de *drag queens*, destacando a importância dessa categoria analítica e sua relevância para os estudos de *teoria queer* e dos *estudos da performance*. Após a revisão, é possível identificar que existem diferentes formas de acadêmicos produzirem conhecimento sobre esse tema, considerando a riqueza de sua complexidade subjetiva e cultural.

Essa revisão bibliográfica, ou estado da arte do conhecimento, revelou a minha convergência com os autores que entendem a *drag queen* como uma potência de subversão do gênero binário, em especial aqueles que compartilham a ideia de que as *drag queens* são figuras significativas por sua capacidade de tensionar os estereótipos de gênero e provocar novas reflexões sobre a construção social das identidades generificadas. Alguns autores desse grupo citados são Amanajás (2014), Vencato (2002), Neves (2020), Gadelha (2009) e Carstens (2017). Por outro lado, encontrei divergências com os autores que consideram a *drag queen* uma identidade, personagem ou forma de travestismo artístico, pois entendo que essa abordagem essencializa a *drag queen* e a reduz a uma categoria binária, ignorando a riqueza das diferenças entre as formas de fazer *drag* pelo mundo.

Eu particularmente me aproximo de Amanajás (2014), Vencato (2002), Jayme (2001; 2002), Gadelha (2009), Santos (2012); De Oliveira (2019); Campana (2017); Vanderley, Reis Filho (2017); Neto (2016); Moraes, Larrubia, Dalla Vecchia (2018), no que diz respeito ao entendimento da *drag* como uma potência de tensionamento do gênero binário. Concordo com o entendimento de Coelho (2012), Ferreira e Santos (2020), Gadelha (2009) da *drag* como um processo ritual. Coaduno especialmente com a perspectiva de que a *drag* possa funcionar como uma ferramenta política no tensionamento das normas de gênero e sexualidade instituídos em aproximação com França e Galeano (2019); Oliveira (2019); Ferreira e Santos (2020); Santos (2012); Girotto, Da Silva, Garcia (2016).

Afasto-me da compreensão de que a *drag* é: a) uma personagem (Amanajás, 2014; Cardoso, 2005; Vencato, 2002 e 2005); b) um terceiro gênero (Miranda, 2017; Santos, 2019); c) forma particular de travestismo artístico (Zimovski e Caeiro, 2016); d) *drag* como identidade (Vanderley e Reis Filho, 2017; Neto, 2016; Jayme, 2010). Sou

muito mais simpático a compreensão de que a *drag* trata-se de uma “persona” (Gadelha, 2009; Coelho, 2012; Bezerra, 2018). Apesar de Chidiac e Oltramari (2004) entenderem que em certas situações a personagem *drag* e o sujeito se confundem ou Neto (2016) de que a *drag* integra muitos aspectos da identidade pessoal do sujeito, acredito que a melhor forma de desdobrar essa compreensão seria através do entendimento da *drag* como “persona”.

Tendo em vista o levantamento realizado e a discussão de ideias empreendidas, é possível afirmar que existe um debate plural e polissêmico sobre a temática *drag queen*, com diversas abordagens e pontos de vista específicos corroborados por realidades regionais e locais, que em maior ou menor grau, traduzem o universo *drag queen* tupiniquim, ou *tupiniqueen*, ou ainda transformista. O contingente de produção acadêmico-científica pode parecer tímido em um primeiro momento, porém os dados revelam o crescente interesse pelo assunto ao longo dos últimos vinte anos. Desejo que o levantamento realizado por esse artigo possa servir de referência para iniciantes nos estudos sobre *performance drag*, ou até mesmo, situar e reconhecer a importância daqueles que realizaram contribuições valiosas sobre a temática durante os últimos anos.

Referências

- AMANAJÁS, Igor. Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. *Revista Belas Artes*, v. 16, n. 3, 2014.
- BEZERRA, Pedro Henrique Almeida. **Para além das fronteiras do gênero:** a performance drag queen e seus repertórios críticos e subversivos nas redes on-line. 2023. 294 f. Tese (Doutorado em 2023) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023.
- BEZERRA, Pedro Henrique Almeida. **Picumã:** performance drag queen em uma epistemologia decolonial. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- CAMPANA, Nathalia Sato. **O ato político por trás da drag queen:** desmontando o essencialismo dos gêneros. 2017. 157f. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

- CARDOSO, Maria de Fátima Matos. **Reflexões sobre instrumentos em Serviços Social:** observação sensível, entrevista, relatório, visitas e teorias de base no processo de Intervenção Social. São Paulo: LCTE, 2008.
- CARSTENS, Ingrid Segurão. **Drag queens na publicidade:** sexo, gênero e diferenças como protagonistas. 2017. 45f. Trabalho de conclusão de curso. (Curso de Comunicação Social: Habilitação em Propaganda e Publicidade) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, p. 471-478, 2004.
- COELHO, Juliana Frota da Justa. **Elá é o show:** performances trans na capital cearense. Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, 2012.
- DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença.** Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FERREIRA, Ligia Ribeiro; DOS SANTOS ALÉSSIO, Renata Lira. A Experiência Drag queen como Transição na Vida Adulta. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 20, n. 3, p. 813-834, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FRANÇA, Alexandre N. Mathias; GALEANO, Eduardo. Sociedade, sorry qualquer coisa: tombando a normatividade com a arte drag queen. In: SILVA, Sergio Luiz Baptista da; PINHEIRO, Anna Marina Barbará. **Nos babados da Academia:** reflexões sobre pautas emancipatórias. [S.l]: Devires, 2019. p. 40-63.
- GADELHA, José Juliano Barbosa. **Masculinos em mutação:** a performance drag queen em Fortaleza. 2009. 265f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - CE, 2009.
- GIROTTI, Lúcio Costa; DA SILVA, Cristiane Gonçalves; GARCIA, Maurício Lourenço. Experimentação de um dispositivo-corpo em uma vivência drag: pesquisar pelo afetar. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 6, p. 95-109, 2016.
- GODOI, Rodolfo. **Pesquisa de Mapeamento de artistas transformistas no Distrito Federal e Entorno.** 1. ed. Brasília: Distrito Drag; Instituto LGBT+, 2022.
- GUSENBAUER, Michael. **Google Scholar to overshadow them all?** Comparing the size of 12 academic search engines and bibliographic databases. **Scientometrics**. 118: 177-214, 2018.
- JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, Transformistas, Drag-Queens, Transexuais:** Pensando a Construção de Gêneros e Identidades na Sociedade Contemporânea. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2002.
- JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais:** personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa. [S.l:s.n], 2001.
- MIRANDA, Vivian Castro de. Nan Goldin: da Fotografia do Cotidiano à Visibilidade Drag queen. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 3, n. 3, 2017.

MORAES, Rafael; LARRUBIA, Tatyane; DALLA VECCHIA, Leonam. **Aceita, eu sou gostosa:** performance de gênero e ativismos no funk proibidão da drag queen Lia Clark. Anais do Comunicon. São Paulo, 2018.

NETO, Henrique Luiz Caproni. **Fazendo e desfazendo gênero:** xs drag queens de Belo Horizonte. 2016. 165f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

NEVES, Christopher Smith Bignardi; GOMES, Paulo Gabriel Ferreira; BRAMBATTI, Luiz Ernesto. Método auto (arte) etnográfico: proposições a drag queens. **Revista Ambivalências**, v. 8, n. 15, p. 205-237, 2020.

OLIVEIRA JUNIOR, Ribamar José de. O empalhamento da performance: a drag queen como cobaia mainstream do parque farmacopornográfico. **Rebeh-Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 01, p. 190-214, 2019.

SANTANA, Winny Gabriela Pereira de. **Gerações drag queens em Campo Grande:** entre espaços, memórias, disputas e (re) afirmações. 2021. 165f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2021.

SANTOS, André Luiz dos. **Particularidades do inglês falado na construção da imagem da drag queen americana.** 2013. 161f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Igoas, 2013.

SANTOS, Bárbara Ferreira. Apesar de expansão, o acesso à internet no Brasil ainda é baixo. **Exame/Abril**, 29 de jan. de 2018. Disponível em:

<https://exame.abril.com.br/brasil/apesar-de-expansao-acesso-a-internet-no-brasil-ainda-e-baixo/>. Acesso em: 7 set. de 2023.

VANDERLEY, Luciano; REIS Filho, Osmar. **Performatividade, Corpo e Gênero:** Drag queen. Fortaleza: Premius, p. 173-192, 2017.

VENCATO, Anna Paula et al. **Fervendo com as drags:** corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. 2002. 198f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba, 2002.

ZIMOVSKI, Thaís; CAEIRO, Mariana. **Contribuições da Psicossociologia na Compreensão da Constituição da(s) Identidade(s) Drag-Queen.** In: Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. 2016.

Archaeology of knowledge of scientific and academic production on Drag Queens in Brazil

Abstract: This text addresses the scientific and academic production on drag queens in Brazil, questioning what are the determinants of this production in the last 22 years (2000 to 2022). The research aimed to map, systematize and analyze the number of academic works, such as articles, monographs, dissertations and theses on the subject, in addition to establishing an overview of the national literature. The methodology was qualitative, also using quantitative elements, through documentary and bibliographic research, with an emphasis on Michel Foucault's archeology of knowledge, aiming to understand how knowledge on the subject was shaped and constructed. The results indicate a growth in interest in the subject, with a significant increase in publications between 2017 and 2020. The scientific production stands out for its interdisciplinary approach, crossing areas such as communication, anthropology, psychology and sociology. The study classified the authors into three groups: those who see the drag queen as a force for gender tension, those who explore subjectivities on the margins of discourse, and a third group that analyzes drag as part of theatrical and cultural identity. In the conclusion, the author emphasizes the importance of recognizing the growing interest in studies on drag performance, in addition to valuing academic contributions over the years. The survey conducted serves as a reference for researchers in the area and reflects the complexity of the drag universe in the Brazilian context.

Keywords: Drag queens; Academic production; Archaeology of knowledge; Gender; Performance.

Recebido: 16/10/2024

Aceito: 23/01/2025